

Pollyana Ferrari

Descolonizar pelo afeto

Editora Veríssima, 2023

141 páginas



Marcelo Damasceno

- Doutorando e Mestre em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação da Universidade Metodista de São Paulo (PósCom UMESP);
- Pós-Graduado em Ciência Política Contemporânea pela Fundação Escola de Sociologia do Estado de São Paulo (FESPSP) e em Poder Legislativo e Democracia no Brasil pela Escola do Parlamento da Câmara de São Paulo;
- Especialista em Marketing Branding, Comunicação Estratégica pela Universidade Anhanguera;
- Graduado em Jornalismo pela Universidade Nove de Julho. Pesquisador no Jornalismo Humanitário & Media Interventions (HumanizaCom) e Semio Humanitas.
- Professor da Anhanguera;
- Servidor público na Câmara Municipal de Itapevi
- E-mail: mdamasceno82@hotmail.com



Descolonizar pelo afeto é um caminho possível no ambiente digital

Decolonizing through affection is a possible path in the digital environment

Descolonizar a través del afecto es un camino posible en el entorno digital

A trajetória da jornalista, professora e doutora em comunicação social Pollyana Ferrari, em sua escrita sobre internet, sites de mídias sociais e relacionamento digital, pode ser comparada ao “fio de Ariadne”. Uma metáfora que, no caso das obras da autora, nos chama a atenção para o uso consciente das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) no cotidiano.

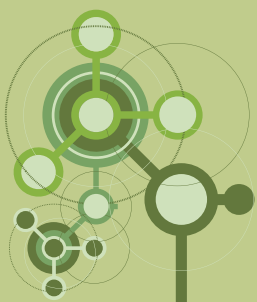
O trabalho intitulado *O resgate da presença no combate à desinformação* aborda temas como educação midiática, direitos humanos e resgate da humanidade. E a obra *Como sair das bolhas* traz a ótica do jornalismo e das redes sociais, a propagação de notícias falsas exacerbada pelo hábito das pessoas de criarem personas que, muitas vezes, não refletem a realidade, pelo vício em dispositivos móveis e redes sociais, e pela escassez de tempo que reservam para se desconectar, refletir e questionar. Outro tema abordado inclui *big data* e fake news, que discute a delicada relação entre a sociedade e a notícia na web 2.0, que possibilitou a construção de universos midiáticos e de produção de conteúdo. Já o livro *A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital* apresenta a mudança da sociedade e o papel da comunicação nesse cambiamento; entre outros textos e livros.

Pollyana tem uma linha de pesquisa de visível conexão, como um fio que nos conduz a refletir sobre importantes dilemas sociais ocasionados pelo uso da internet. Esse fio nos conecta não apenas ao livro *Descolonizar pelo afeto*, mas a memórias (ensinamentos) que podem colaborar com o crescimento individual e coletivo de todo indivíduo em tempos de interação digital.

Nessa obra, a autora dedica-se a enfrentar o ambiente desinformacional digital por meio da educação midiática, do resgate de valores e do questionamento da imposição de padrões de gênero. Pollyana também explora os impactos nas relações humanas e como esses se conectam à teoria da descolonização para ressignificar pensamentos e práticas que reprimem direitos, participação e ocupação de espaços por diferentes segmentos da sociedade.

Alguns dos principais temas tratados no livro incluem: a valorização do cuidado afetuoso desde os primeiros momentos da vida; a influência do afeto na formação de identidade e na construção de relações sociais saudáveis; a relação entre afeto e descolonização, destacando como o cuidado e o respeito mútuo podem romper com estruturas coloniais; a importância de reconhecimento, respeito, compromisso e confiança nas relações interpessoais; o papel do afeto na promoção de bem-estar social e democrático; a crítica à infodemia e a busca pela presença autêntica em um mundo digitalmente conectado; e reflexões sobre a comunicação de massa, a internet e as redes sociais, e como esses meios impactam as relações humanas.

Essas temáticas convergem para uma reflexão sobre a importância do afeto como elemento fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, empática e descolonizada, e se fazem presentes nas três partes e sete capítulos do livro.



Mostra-se que a busca por afeto visa tornar o planeta inclusivo para todos, e não apenas para alguns privilegiados pela renda e/ou pela cor da pele, o que só é alcançável pela via do acesso à informação e pela educação midiática.

A junção desses elementos – informação, afeto e educação – é colocada como um caminho para descolonizar as relações nos ambientes físico e online, na intenção de abraçar ambivalências e fazer uma releitura histórica de toda a colonização, agora contada pelo olhar do oprimido e não apenas do opressor. Trata-se de um meio que ensine as pessoas a enxergar e assimilar o diferente, seja na arte, na religião ou nos hábitos sociais.

Afinal, como diz a autora, quem determinou que “menino usa azul e menina usa rosa? Quem disse que cores definem um gênero?”. Falsos ensinamentos compartilhados por gerações reforçam os discursos de ódio, o racismo e a proliferação de desinformação (fake news) no ambiente digital, como uma infodemia odiosa que se alastra no século XXI.

Num contexto em que a humanidade desfruta de acesso expandido à informação e da possibilidade de checagem de fatos, proporcionados pelas TICs, ainda é notório o não reconhecimento a direitos socioculturais de algumas pessoas, que reflete uma realidade remanescente de tempos em que o acesso à informação era restrito a pequenos grupos.

Isso nos submete, em algum grau, à repetição de padrões comportamentais compartilhados por meio das TICs, muitas vezes sem checagem, por pessoas de diferentes classes sociais. Algo que Pollyana chama no livro de “o saber enlatado que repetimos sem nem entender o que estamos repetindo não tem levado a melhores resultados” (Ferrari, 2023, p. 16).

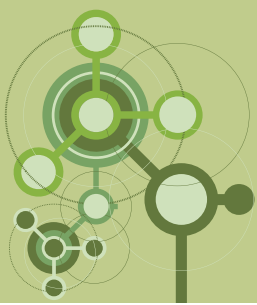
Quando ela relata que não leva “a melhores resultados”, é possível contextualizar com trabalhos anteriores da autora, como no “fio de Ariadne”, que abordam o uso das TICs como meio para proliferação do discurso de ódio e a disseminação de desinformação, com potencial de distanciar pessoas na malha social. Reforça assim a necessidade da adoção de práticas voltadas à informação e à educação midiática, além do resgate de valores para que as pessoas possam interagir de forma mais consciente com o acesso à internet.

A partir das histórias relatadas no livro, a autora sustenta a necessidade de uma descolonização digital, na intenção de manejar atuais práticas culturais com face nas vivências (experiências) que antecedem as atuais relações híbridas, tendo como base lições há tempos experimentadas, ou seja, “um mergulho memorialístico e poético com poemas, músicas, objetos concretos como máquinas de escrever, muitos diálogos e presença aguçada” (Ferrari, 2023, p. 19).

Um arcabouço com possibilidade de despertar lembranças esquecidas pelas pessoas, e que, de alguma forma, pode contribuir para melhorar as relações na atual velocidade do cotidiano, num cenário em que as relações são cada vez mais baseadas na instantaneidade: nos lembretes deixados em assistentes virtuais – como Alexa, Siri, Google Assistente, entre outros –, na ansiedade por respostas e curtidas (ou a falta delas) em postagens nas redes sociais etc.

Atos capazes de aprisionar as pessoas em bolhas e de desconectá-las dos dilemas sociais, com o acesso facilitado à informação, poderiam ter sido extintos ou pouco difundidos no ambiente digital. No entanto, ainda estão presentes, como o ódio ao outro, o desprezo pelos pobres ou negros, a homofobia, a falta de reconhecimento dos povos indígenas, a xenofobia, os ataques à democracia e a desvalorização do conhecimento científico. Essa última foi experimentada com mais intensidade durante a pandemia de covid-19 (2020/2021), quando a desinformação fez com que uma parcela da população mundial não acreditasse em métodos científicos de combate ao vírus (Massarani *et al.*, 2021).

Pollyana aponta problemas originados pelo uso massivo da tecnologia sem uma abordagem crítica, política e afetiva, transformando-a em uma ferramenta capaz de estimular verdadeiras massas de manobra a serviço dos desejos escusos de



peças ou grupos que alimentam os sites de mídias sociais com desinformação e discurso de ódio. Desse modo terraplanismo, eurocentrismo, "cidadão de bem", "família tradicional", entre outros temas e termos compartilhados diariamente na internet, são encarados como verdades absolutas.

Uma série de problemas que, para a autora, representa riscos sociais, políticos e econômicos no consumo e produção de informação em diferentes localidades. Esses desafios precisam ser enfrentados também a partir do afeto, que desempenha papel crucial na formação social das pessoas, como meio de reflexão sobre discursos de ódio e desinformação. Um saber capaz de resgatar a importância de reconhecer o valor do outro nas relações, evitando, por exemplo, demissões em massa via reuniões remotas ou por suspensão de logins, como vemos na citação abaixo:

No Twitter, demitiram funcionários simplesmente suspendendo acessos, como se as pessoas fossem *bots*. Recebemos apenas uma mensagem padrão, hoje pela manhã, dizendo que nossos acessos estavam suspensos. (Ferrari, 2023, p. 25)

Ocorridos como o mencionado nos fazem lembrar de anúncios antigos de emprego, nos quais se exigia "boa aparência" como requisito para concorrer à vaga, formação em determinada instituição de ensino, definição de sexo, raça, idade, origem, estado civil, comprovação de gravidez ou esterilização. Exigências antigas que foram proibidas a partir do debate social, que também considerou o afeto às pessoas, e ocorreu no mesmo período da expansão da internet e da popularização das redes sociais no Brasil. Um exemplo de que o debate social se faz necessário para suplantar falsas realidades impostas por uma parcela da sociedade.

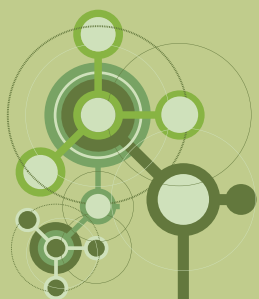
A atividade experiencial originou em proibição legal de tais exigências, mesmas experiências que podem ser revisitadas para combater o discurso de ódio existente nas redes e fazer com que as pessoas resgatem o senso de humanidade para escapar das bolhas e conscientizar outras pessoas a partir do afeto e da educação midiática. E, assim, não ficar suscetíveis aos algoritmos que manipulam nossos medos, desejos e crenças, e não encarar demissões em massas ou por bloqueio de login como o que ocorre nos tempos atuais.

A autora não prega a saída das redes para ocupar os espaços públicos, mas um abraço ao próximo nessa relação digital que se reflete no ambiente físico, em que se possa exercitar o respeito à diversidade étnica, cultural, religiosa e política entre diferentes, pois o diferente não é algo para ser combatido, e sim respeitado. Para isso, Pollyana reforça o histórico relacional da humanidade para sobreviver em sociedade, ou seja, "a hipótese do ser narciso, que sozinho se basta, é romantizada. Não se sustenta. A vida acontece no coletivo" (Ferrari, 2023, p. 31).

A história nos mostra que é na coletividade que tudo ocorre. Uma coletividade viva em trocas culturais, o que é perceptível em qualquer localidade do mundo, seja na forma de música, gastronomia, idioma ou vestimenta para conectar pessoas e possibilitar trocas culturais sem o ódio, o rancor e a violência disseminados pelas mídias sociais.

A convivência convida à apreciação e valorização de diversas manifestações culturais, reconhecendo a importância da diversidade e do intercâmbio cultural para enriquecer a experiência de vida e promover compreensão entre povos. A empatia e a compreensão mútua entre diferentes culturas são caminhos viáveis para a construção de uma sociedade descolonizada e harmônica para combater as opressões, não apenas contra o racismo, mas também o sexismo e sistemas de exploração de classe.

Dessa forma, a proposta do livro concentra-se na promoção do diálogo intercultural, incentivando espaços de interação entre diferentes culturas com base no afeto, visando respeito mútuo. Destaca-se a educação para a empatia, enfatizando programas educacionais que valorizam a empatia, o respeito pelas diferenças e a importância da descolonização afetiva nas



relações sociais, valorizando narrativas diversas e promovendo representatividade e inclusão cultural para a desconstrução de falsos padrões.

Apesar de ainda haver perguntas sobre a importância de debater este tema, o livro propõe uma nova trilha ao combinar práticas que possam auxiliar a sociedade a interpretar, interagir e criar conteúdo a partir do que encontram nas redes sociais, e assim romper com as imposições algorítmicas que contribuem para a disseminação de narrativas prejudiciais à convivência política e social harmoniosa.

Essas são algumas das principais ideias e temas abordados no livro *Descolonizar pelo Afeto*.

REFERÊNCIAS

FERRARI, Pollyana. *Descolonizar pelo afeto*. São Paulo: Veríssimo, 2023.

MASSARANI, Luisa Medeiros; BROTAS, Antonio Marcos Pereira; COSTA, Márcia Cristina Rocha; NEVES, Luiz Felipe Fernandes. Vacinas contra a covid-19 e o combate à desinformação na cobertura da Folha de S. Paulo. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos*, São Leopoldo, v.23, n.2, p.29-43, 2021. doi: <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.03>.

Texto recebido em 27.04.2024 e aprovado em 12.07.2024